

O VAZIO NO PÓS-PARTO: o luto pelo lugar de filha, a simbologia da mãe e o vazio diante da perda do objeto ideal

Fabíola Aparecida Delben COSTA

Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba (FAC-FEA)

fabioladelbencosta@gmail.com

Marilisa Nogueira Palacio SANCHEZ

Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba (FAC-FEA)

marilisa.sanchez@feata.edu.br

Felipe Mio de CARVALHO

Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba (FAC-FEA)

fmiocarvalho@hotmail.com

EIXO: Ciências Humanas, Sociais e da Saúde.

RESUMO

A experiência do vazio no pós-parto vivenciada por algumas mulheres é uma condição que ultrapassa explicações puramente biológicas, exigindo uma escuta sensível que considere também os aspectos subjetivos e inconscientes envolvidos no processo de tornar-se mãe. Do ponto de vista psicanalítico, a chegada de um filho não representa apenas uma mudança prática, mas transformações psíquicas profundas, em que a mulher deixa de ocupar prioritariamente o lugar de filha e passa a assumir o papel de mãe. Esse movimento pode reativar lembranças e idealizações relacionadas à sua própria relação com a figura materna e ao ideal de cuidado que ela mesma recebeu ou desejou receber. Autores como Freud, Winnicott, Klein e Kristeva oferecem caminhos de compreensão para esse fenômeno. Com os estudos de Freud, é possível compreender que as falhas no narcisismo podem levar ao desamparo e à melancolia, o que nos conduz às análises de Klein, que ressalta a dificuldade de lidar com a perda do objeto idealizado. Quando essa análise é projetada para o campo da maternidade, Winnicott nos mostra a ideia construída da mãe suficientemente boa, sendo que, quando isso parece não se concretizar, leva ao que Kristeva descreve como um luto vivido pela perda simbólica do lugar de filha e a não concretização do ideal de mãe. Assim, o vazio no pós-parto pode ser compreendido como uma experiência que reúne elementos de luto, de fragilidade narcísica e de falhas nos vínculos primários, sendo que a compreensão dessas dimensões amplia as possibilidades de cuidado à mãe, indo além de um olhar biomédico. Tal perspectiva favorece práticas clínicas mais humanas, capazes de reconhecer tanto as alegrias quanto as dores do maternar.

Palavras-chave: vazio no pós-parto; psicanálise; luto; simbologia da mãe.

1 INTRODUÇÃO

A chegada de um bebê costuma ser cercada por expectativas sociais positivas como alegria, realização e completude. No entanto, nem sempre a vivência corresponde a esse ideal, tendo em vista que muitas mulheres se deparam com sentimentos de tristeza, vazio e

desamparo nessa nova fase da vida, pois o fato de tornar-se mãe faz com que ela perca, simbolicamente, o lugar de filha.

O vazio no pós-parto é um fenômeno clínico complexo que ultrapassa a explicação biomédica e encontra na Psicanálise um campo de compreensão, pois busca olhar a maternidade para além das alterações hormonais, considerando os reposicionamentos psíquicos dessa mulher que se vê confrontada com a perda do status de filha e a necessidade de tornar-se mãe.

Por vezes, esse processo leva a revisitações à chamada relação primária em que esta mãe desenvolveu com a sua figura materna, ou seja, seu objeto idealizado e a construção do seu self a partir disso. É nesse momento que a Psicanálise oferece contribuições valiosas para compreender o reposicionamento psíquico da mãe.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é discutir o vazio no pós-parto a partir da Psicanálise, entendendo-o como expressão de um luto subjetivo: a perda do lugar de filha e a dificuldade de manter a sustentação narcísica diante da ausência do objeto ideal.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo construído a partir das discussões que o grupo de pesquisa “A Metapsicologia Freudiana na contemporaneidade” da FAC-FEA desenvolveu, tendo por suporte as leituras das obras de Green (1988) e Bleichmar (1984), sobre as temáticas da síndrome da mãe morta, do vazio e do luto vivido diante da perda do objeto ideal, conceitos analisados em casos de vazio no pós-parto, quando a mãe experimenta a perda simbólica do seu lugar de filha, ao abrir mão da sua relação narcísica primária de ser cuidada, para aceitar sua nova posição como cuidadora.

Dessas análises resultou o problema da pesquisa que este estudo visa compreender, que é o vazio no pós-parto, considerando que ele se manifesta como um luto subjetivo, em que a mãe precisa se separar do objeto ideal materno – filha cuidada – e ocupar sua posição de mãe.

A partir disso, objetivando a compreensão da problemática levantada, elegeu-se a pesquisa bibliográfica em autores clássicos e contemporâneos da Psicanálise como método de estudo, uma vez que se busca trazer a compreensão dos autores sobre a tristeza que acomete algumas mulheres no período pós-parto e sua articulação com a experiência do vazio pela perda do lugar de filha.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Freud (1914) aponta que o narcisismo primário é estruturante na formação do eu, e qualquer ruptura nessa organização pode abrir espaço para o desamparo e para estados depressivos. Nesse sentido, a maternidade pode gerar na mãe um vazio, uma tristeza ao se tornar cuidadora ao perceber que, simbolicamente, perdeu o lugar de filha, pois o nascimento do bebê lhe lança a uma nova posição subjetiva que exige desprendimento, deixando de ser cuidada para cuidar.

Frente a essa situação, a perda do seu lugar de importância na relação mãe-filha, faz com que a nova mãe sinta o peso da maternidade, como bem destaca Klein (1996) ao dizer que se carrega fantasias ligadas ao objeto materno idealizado e que, talvez, na prática, essa idealização não se concretize. Como bem destaca, é na maternidade que essa idealização do objeto retorna com força, pois a mãe, agora no papel de cuidadora, confronta a ausência de uma mãe perfeita em sua própria história, e essa percepção da falta na primeira relação (mãe-avó) pode gerar sentimentos de vazio e de incapacidade para a nova relação (mãe-bebê). Nesse sentido, o que se observa no pós-parto é, muitas vezes, a vivência de um vazio psíquico, que pode ser compreendido como a perda do objeto idealizado – a mãe onipotente que outrora ocupava o lugar de amparo absoluto (Klein, 1996).

Com a perda desse objeto ideal, a nova mãe não se enxerga nesse lugar, pois as falhas nos vínculos iniciais dificultam a regulação emocional e reaparecem no nascimento do bebê, fazendo com que a mãe se veja diante da perda simbólica do seu próprio lugar de filha e da impossibilidade de manter intacta a imagem de sua mãe interna (Kristeva, 1989).

Diante disso, ela não tem capacidade de sustentar as necessidades do bebê, pois precisa de um ambiente que a sustente nessa nova posição, uma vez que ela não se sente uma “mãe suficientemente boa” (Winnicott, 1975) para oferecer os cuidados necessários ao bebê, sentindo-se incapaz de corresponder ao ideal de mãe.

Na verdade, o bebê real, ao invés de restaurar a completude narcísica, pode acentuar a percepção da falta, reativando memórias de vínculos inseguros ou frágeis. Como bem pontua Kristeva (1989), essa tristeza materna expressa-se como um “luto impossível”, em que a mulher, ao se tornar mãe, precisa abrir mão do lugar de filha, mas muitas vezes não encontra simbolicamente onde apoiar essa perda, uma vez que o bebê não preenche o vazio; pelo contrário, pode intensificar a percepção da falta.

Assim, o vazio no pós-parto pode ser compreendido como um conflito entre a necessidade inconsciente de ainda ser cuidada e a exigência de maternar, configurando-se como luto subjetivo pela perda do objeto ideal e pela renúncia do lugar de filha.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão psicanalítica do vazio no pós-parto demonstra que não se deve analisá-lo apenas como consequência hormonal, pois, conforme visto, trata-se de uma experiência subjetiva complexa, marcada por memórias de apego, por fragilidades narcísicas e por lutos simbólicos.

Entender esse processo pela ótica psicanalítica amplia as possibilidades de cuidado, permitindo que mães sejam escutadas em sua ambivalência: amor e sofrimento, desejo e frustração.

Isso significa acolher a mãe como sujeito em transformação, que precisa de espaço para falar de suas dores sem culpa, ajudando a reconhecer que o sofrimento humano não pode ser reduzido a números ou diagnósticos, mas precisa ser entendido em sua singularidade.

REFERÊNCIAS

BLEICHMAR, Hugo. **Depressão**: um estudo psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.

GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1988.

KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro**: depressão e melancolia. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

WINNICOTT, D. **O brincar e realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.